

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

COLIN
G. KRUSE

1, 2 E 3 JOÃO



VIDA NOVA

Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i>	ix
<i>Prefácio do editor</i>	xiii
<i>Prefácio do autor</i>	xv
<i>Reduções gráficas</i>	xvii
Introdução	1
I. Questões introdutórias relativas a 1, 2 e 3João.....	1
A. Um cenário.....	1
B. A comunidade joanina.....	3
C. 1, 2 e 3João e o Quarto Evangelho.....	5
D. O inter-relacionamento de 1, 2 e 3João.....	7
E. 1, 2 e 3João e o cânon do NT.....	8
II. Questões introdutórias relativas a 1João.....	9
A. Autoria.....	9
1. Evidência interna.....	9
2. Evidência externa.....	11
B. Destinatários.....	14
C. Oponentes.....	15
1. O ensino dos separatistas.....	16
2. Os separatistas e a comunidade do autor.....	18
3. Os separatistas e os primeiros hereges cristãos.....	20
D. Propósito e ocasião da escrita.....	26
E. Gênero, forma retórica e estrutura.....	27
1. Gênero.....	28
2. Forma retórica.....	29
3. Estrutura.....	31

F.	1João e Qumran.....	32
G.	Principais temas teológicos.....	33
1.	O que o autor afirmou ao rejeitar o ensino separatista.....	33
2.	O que o autor afirmou ao renovar a confiança de seus leitores	33
3.	Assuntos importantes que o autor ensinou ao longo do caminho	34
III.	Questões introdutórias relativas a 2João	36
A.	Autoria	36
B.	Destinatários.....	38
C.	Oponentes	39
D.	Propósito e ocasião da escrita	39
E.	Gênero, forma retórica e estrutura	40
F.	Principais temas teológicos.....	42
IV.	Questões introdutórias relativas a 3João	42
A.	Autoria	42
B.	Destinatário.....	43
C.	Missionários itinerantes.....	43
D.	Diótrefes e o presbítero	44
E.	Propósito e ocasião da escrita	47
F.	Gênero, forma retórica e estrutura	48
G.	Principais temas teológicos.....	48
	Texto e comentário de 1João	51
I.	Prefácio sobre a Palavra da vida (1.1-4).....	51
<i>Excurso 1:</i>	Uma nota sobre a linguagem da percepção sensorial.....	54
<i>Excurso 2:</i>	Uma nota sobre “Desde o princípio” (<i>ap’ archēs</i>)	57
<i>Excurso 3:</i>	Uma nota sobre o significado de “comunhão” (<i>koinōnia</i>)	60
<i>Excurso 4:</i>	Uma nota sobre o uso de formas de primeira pessoa	62
II.	Alegações de conhecer a Deus testadas por atitudes referentes ao pecado (1.5—2.2).....	63
<i>Excurso 5:</i>	Uma nota sobre luz e escuridão.....	67
<i>Excurso 6:</i>	Uma nota sobre verdade.....	69
<i>Excurso 7:</i>	Uma nota sobre <i>hilasmos</i>	79
III.	Alegações de conhecer a Deus testadas pela obediência (2.3-11).....	82
IV.	Confirmação e exortação para os crentes (2.12-17).....	95
<i>Excurso 8:</i>	Uma nota sobre “filhinhos”, “pais” e “rapazes”	96

V.	Advertências contra ser enganado pelos separatistas (2.18-27)	108
	<i>Excursão 9</i> : Uma nota sobre o Anticristo.....	111
	<i>Excursão 10</i> : Uma nota sobre <i>chrisma</i> — Espírito ou Palavra?.....	122
	<i>Excursão 11</i> : Uma nota sobre a autoridade de ensino da igreja	124
VI.	Distinguindo os filhos de Deus dos filhos do Diabo (2.28—3.10)	127
	<i>Excursão 12</i> : Uma nota sobre a “semente” de Deus.....	140
	<i>Excursão 13</i> : Uma nota sobre o perfeccionismo sem pecado	142
VII.	A exigência do evangelho de amar uns aos outros e de confiança na oração (3.11-24)	150
VIII.	Testando os “espíritos” (4.1-6).....	164
	<i>Excursão 14</i> : Uma nota sobre o papel do Espírito	172
IX.	Alegações de amar a Deus testadas pelo amor aos irmãos na fé (4.7—5.4a).....	178
	<i>Excursão 15</i> : Uma nota sobre <i>monogenēs</i>	182
	<i>Excursão 16</i> : Uma nota sobre a preexistência do Filho	183
	<i>Excursão 17</i> : Uma nota sobre a invisibilidade de Deus	187
	<i>Excursão 18</i> : Uma nota sobre o salvador do mundo	189
X.	A aceitação do testemunho de Deus e a vida eterna (5.4b-12)	200
	<i>Excursão 19</i> : Uma nota sobre “testemunho/a”.....	212
	<i>Excursão 20</i> : Uma nota sobre a vida eterna	213
XI.	Renovação da confiança e exortações finais (5.13-21).....	217
	<i>Excursão 21</i> : Uma nota sobre os pecados que levam e os que não levam à morte	224
	<i>Excursão 22</i> : Uma nota sobre as bases da segurança/confiança.....	228
Texto e comentário de 2João		235
I.	Saudações iniciais (1-3).....	235
II.	Andando na verdade (4-6)	240
III.	Negação da verdade (7-9).....	244
IV.	Não recebam aqueles que negam a verdade (10-11)	249
	<i>Excursão 23</i> : Uma nota sobre hospitalidade.....	251
V.	Saudações finais (12-13).....	253
Texto e comentário de 3João		257
I.	Saudações iniciais (1)	257
II.	Alegria por Gaio andar na verdade (2-4)	260

III. Gaio é recomendado por sua hospitalidade (5-8)	263
IV. A oposição de Diótrefes ao presbítero (9-10).....	267
<i>Excursão 24: Uma nota sobre amor e ódio na comunidade cristã</i>	<i>272</i>
V. Demétrio é recomendado pelo presbítero (11-12).....	275
VI. Saudações finais (13-15).....	278
Apêndice: Referências bíblicas e extrabíblicas a Caim	281
<i>Bibliografia.....</i>	<i>289</i>
<i>Índice remissivo</i>	<i>297</i>
<i>Índice de passagens bíblicas e de outros escritos antigos</i>	<i>303</i>

Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “O senhor entende o que está lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, visando à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Portanto, ele precisa da Palavra de Deus.

Contudo, o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas e, entre as mais úteis, estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários dessa série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si mesma, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm o objetivo de entender a perícopes em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores que pertencem a uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que compõem essa série.

Primeiramente, e acima de tudo, eles se ocupam *do texto* das Escrituras. Não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas escriturísticas e ao debate acadêmico. Significa, sim, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto*, não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais no final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotadas as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta à sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos dele e de seu povo.

A terceira característica que distingue essa série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão, pois como

C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.¹ Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor aquilo que Deus disse outrora, pois precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada por meio da seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim, por exemplo — e comentários homiléticos — os quais tentam trocar em miúdos como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira essa preciosa série de comentários bíblicos.

¹*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

Prefácio do editor¹

Comentários têm objetivos específicos, e esta série não é diferente. Projetados para pastores e professores sérios da Bíblia, os comentários da série Pillar buscam, acima de tudo, tornar claro o texto das Escrituras tal como o temos. Os estudiosos que escrevem esses volumes interagem com o debate contemporâneo mais importante e informado, mas evitam ficar atolados em detalhes técnicos excessivos. Seu ideal é uma mistura de exegese rigorosa e exposição, com um olhar atento tanto à teologia bíblica quanto à relevância contemporânea da Bíblia, sem confundir comentário com sermão. A justificativa dessa abordagem é que a perspectiva de uma “erudição acadêmica objetiva” (o que é um simples sonho) talvez, na verdade, seja profana. É Deus quem nos confronta; nós não estamos em posição de julgá-lo. Quando Deus nos fala por meio da sua Palavra, aqueles que professam conhecê-lo devem reagir de forma adequada, o que certamente é diferente de uma postura em que o estudioso projeta uma imagem de distanciamento autônomo. No entanto, este não é um apelo sub-reptício à subjetividade descontrolada. Os escritores desta série buscam uma abertura imparcial ao texto, que é o melhor tipo de “objetividade” de todos. Se o texto é a Palavra de Deus, é apropriado que respondamos com reverência, certo temor, uma alegria santa, uma obediência questionadora. Esses valores devem refletir-se na forma pela qual os cristãos escrevem. Com esses valores em vigor, os comentários Pillar serão calorosamente recebidos não apenas por pastores, professores e estudantes, mas também pelos leitores em geral.

Este comentário às Cartas de João atende admiravelmente aos objetivos da série. Em diferentes e profundos livros, Colin Kruse demonstrou uma capacidade invejável de assimilar debates complexos e avaliá-los com imparcialidade, sempre levando as pessoas de volta ao texto. Essas habilidades são evidentes na segunda edição deste comentário. As Cartas de João, superficialmente simples,

¹Prefácio dos editores da série original (The Pillar New Testament Commentary), da qual extraímos o volume de 1, 2 e 3 João para a nossa série *Comentário Exegético*. Deixamos o prefácio aqui para que o leitor conheça a perspectiva teológica dos organizadores da série original.

são, na realidade, um campo minado de complexidades que geram debates difíceis entre os cristãos que as estudam. Dr. Kruse é confiante e equilibrado, claro e notavelmente conciso, sem ser simplista ou condescendente. Seu uso de fontes primárias e secundárias é sempre pertinente e contido, e ele nunca deixa o leitor perder de vista o texto que está estudando. Espero que o comentário do Dr. Kruse alcance a ampla circulação que merece.

D. A. CARSON

Prefácio do autor

Sou grato pelo convite da editora William B. Eerdmans Publishing Company e do editor de sua série de comentários do Novo Testamento Pillar, Don Carson, para revisar e atualizar meu volume sobre as Cartas de João, escrito cerca de vinte anos atrás. O convite proporcionou-me a oportunidade de revisar a obra onde necessário, à luz da literatura relevante produzida nas últimas duas décadas.

Seguindo as diretrizes para novos volumes da série, este comentário é baseado na versão mais recente da New International Version [Nova Versão Internacional] (NIV 2011). Ele também adiciona uma explicação do contexto de cada seção maior do texto e uma declaração sobre o principal conteúdo teológico de cada seção.

Acredito que 1João 3.23 seja um texto-chave nessas cartas: “E este é o seu mandamento: crer no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amar uns aos outros como ele nos ordenou”. Ele resume a mensagem central delas: a importância da crença correta, por um lado, e do amor pelos irmãos na fé, por outro. Os crentes devem apegar-se às boas-novas sobre Jesus Cristo tal como lhes foram transmitidas pelos que foram as primeiras testemunhas de Jesus — as boas-novas que receberam e nas quais creram logo que se tornaram crentes. E eles devem obedecer ao mandamento de Cristo de se amarem uns aos outros — um mandamento que foi transmitido junto com as próprias boas-novas.

A mensagem dessas cartas é de importância perene, especialmente em tempos em que a verdade do evangelho está sob ataque e precisa ser defendida. O amor mútuo dos crentes precisa ser cada vez mais evidente para que as pessoas reconheçam que eles são discípulos de Jesus e sejam, elas próprias, atraídas para a fé nele.

É minha esperança e oração que este comentário ajude os leitores a reconhecer novamente quem é Jesus e encoraje a resolução de mostrar amor prático aos irmãos na fé, como Jesus ordenou.

COLIN G. KRUSE

Introdução

I. Questões introdutórias relativas a 1, 2 e 3João

As Cartas de João proporcionam aos leitores uma amostra da vida em uma parte da igreja primitiva. Elas representam um momento infeliz na vida das comunidades cristãs envolvidas, um tempo de disputa entre os crentes envolvendo preocupações tanto teológicas quanto comportamentais. As cartas refletem somente um lado dessa disputa, mas o lado que representava a verdade do assunto no que dizia respeito à igreja posterior.

As três cartas parecem interligadas, todas tratando de um aspecto ou outro da questão. Assim, a seguir é sugerido um cenário que descreve o progresso delas. Na resposta que essas cartas dão à disputa, elas também fornecem informações importantes sobre uma série de temas teológicos fundamentais. Esses temas incluem questões como as bases da segurança cristã, o papel do Espírito na comunidade cristã, a perfeição cristã, o significado de *koinōnia*, a expiação e a cristologia. Essas cartas recompensarão os leitores pelo seu estudo cuidadoso com uma maior compreensão desses assuntos.

A. Um cenário

Qualquer pessoa que procure compreender as Cartas de João precisa de uma hipótese de trabalho relativa aos acontecimentos que estão detrás delas. Tal hipótese de trabalho envolve uma reconstrução histórica, e esta, por sua vez, deverá se basear em certos pressupostos a respeito de questões literárias. No entanto, os pressupostos literários dependem, até certo ponto, de decisões tomadas na reconstrução histórica. Não há alternativa para o intérprete senão trabalhar em círculo verificando continuamente as decisões históricas em relação aos pressupostos literários, e vice-versa. O que é oferecido a seguir é uma reconstrução de eventos que depende de uma série de suposições literárias e somente é tão boa quanto elas são.

O cenário descrito parte do pressuposto de que existe uma relação muito estreita entre o Quarto Evangelho e as três Cartas de João. Pressupõe-se, na reconstrução dos eventos, que uma forma inicial do Quarto Evangelho já havia sido concluída antes da redação das cartas, e que o discípulo amado, uma testemunha ocular da maioria dos eventos narrados no Evangelho, foi responsável por produzir aquela forma inicial. O Evangelho trata principalmente do ministério de Jesus e reflete o conflito entre Jesus e alguns de seus contemporâneos judeus. Em um nível secundário, a forma pela qual a história de Jesus é escrita pode refletir algo da experiência da comunidade cristã da qual o discípulo amado era membro quando escreveu seu Evangelho. Essa comunidade consistia em várias igrejas, provavelmente localizadas dentro e ao redor de Éfeso, na província romana da Ásia.

Algum tempo depois da escrita dessa forma inicial do Evangelho, surgiram dificuldades nessa comunidade. Alguns dos membros haviam aceitado certas crenças sobre a pessoa e a obra de Cristo que eram inaceitáveis para o autor das cartas e para aqueles que estavam associados a ele.¹ Essas crenças envolviam uma negação de que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus, que veio na carne (1Jo 4.2-3), e que sua morte era necessária para o perdão dos pecados (1Jo 5.6-7). Surgiu um forte desacordo que resultou na dissidência dos que abraçavam esses novos pontos de vista (1Jo 2.19).

Os separatistas ou falsos mestres (como os chamaremos daqui em diante) não se contentaram em guardar para si suas novas crenças. Em vez disso, organizaram um grupo de pregadores itinerantes que circulava entre as igrejas e propagava suas crenças com o objetivo de conquistar as pessoas para que compreendessem essas questões como eles (1Jo 2.26; 4.1-3; 2Jo 7). Isso criou uma confusão entre os crentes que permaneciam leais ao evangelho tal como proclamado desde o princípio — o evangelho que vinha direto das testemunhas oculares. Como resultado da confusão, esses crentes começaram a questionar se realmente conheciam Deus, se realmente estavam experimentando a vida eterna e se realmente estavam na verdade. O principal interesse do autor ao escrever 1João foi reforçar a segurança dessas pessoas proporcionando-lhes uma apresentação clara da mensagem do evangelho que haviam recebido desde o princípio. Ele também lhes forneceu critérios que poderiam usar para avaliar as falsas alegações feitas pelos separatistas e com os quais poderiam também reassegurar-se de que estavam na verdade (1Jo 1.5—2.2; 2.3-11; 3.7-10,14-15; 4.4-6,7-8,13-15; 5.13,18-20). Essa carta, enviada como uma circular às igrejas

¹O termo singular “autor” é usado aqui sem julgar, de antemão, se as três cartas foram escritas pela mesma pessoa. Isso é feito para evitar o que, de outra forma, seriam expressões um tanto inconvenientes. A questão da autoria das cartas e da posição adotada neste comentário são analisadas a seguir.

afetadas pela missão dos separatistas, era diretamente encorajadora para os leitores e indiretamente polêmica no que diz respeito aos separatistas.

Na sequência dessa carta circular, foram escritas outras duas cartas. A primeira, 2João, foi enviada a uma das igrejas envolvidas (“à senhora escolhida por Deus e aos filhos dela”) para alertar os membros sobre os mestres itinerantes que representavam os separatistas e estavam espalhando seus novos e heréticos ensinamentos, tentando enganar as pessoas (2Jo 7-8). O presbítero, que escreveu 2João, exortou seus leitores a não ajudarem e apoiarem esses mestres oferecendo-lhes hospitalidade. Fazer isso seria participar de sua “obra perversa” (2Jo 10-11).

Contudo, não eram apenas aqueles que representavam o ensino separatista que excursionavam entre essas igrejas. Havia também pessoas de boa reputação que tinham vindo da igreja do presbítero “por causa do Nome” (3Jo 7). Essas pessoas precisavam receber hospitalidade em lares cristãos enquanto viajavam. A segunda carta subsequente, 3João, foi escrita pelo presbítero a um indivíduo chamado Gaio. O presbítero recomenda a ele oferecer hospitalidade a pregadores viajantes de boa reputação (3Jo 5-6) e o informa das ações de outra pessoa, chamada Diótfefes, que morava na mesma cidade, mas se recusava a fornecer essa hospitalidade e estava em desacordo com o presbítero (3Jo 9-10). Não está muito claro se a recusa de Diótfefes era com base em razões doutrinárias (e.g., ele concordava com os separatistas contra o presbítero) ou em conflito pessoal (e.g., uma rejeição da autoridade do presbítero).

Em algum momento durante ou depois da redação das Cartas de João, o discípulo amado morreu (Jo 21.23). Foi então que editores posteriores revisaram e complementaram o Quarto Evangelho e o publicaram na forma em que o conhecemos hoje: completo, com a garantia sobre a confiabilidade do testemunho do discípulo amado (Jo 19.35; 21.24).

Não sabemos o que aconteceu ao movimento separatista, se ele se desenvolveu no tipo de gnosticismo do século 2 que conhecemos por meio dos escritos de Ireneu ou se simplesmente desapareceu. Sabemos que a posição apresentada nas Cartas de João venceu, na medida em que foram essas cartas que entraram no cânon do NT.

Este cenário envolve uma série de suposições sobre a relação entre o Quarto Evangelho e as Cartas de João e sobre a inter-relação entre as próprias três cartas de João. Essas questões serão analisadas adiante, mas, primeiro, são necessários alguns comentários sobre a comunidade joanina.

B. A comunidade joanina

No estudo de qualquer livro do NT, é muito útil poder situá-lo em algum lugar ao longo da trajetória do desenvolvimento do cristianismo primitivo.

O cristianismo primitivo era tudo, menos uma entidade homogênea. Ele se desenvolveu de diversas maneiras em diferentes lugares, sob a influência e a orientação de várias personalidades. Os exemplos mais óbvios dessa diversidade são as distinções entre as igrejas de Jerusalém/Judeia e as igrejas criadas por meio da missão paulina. Os estudiosos mencionam uma terceira grande corrente dentro do cristianismo primitivo — a saber, o cristianismo joanino. A existência e as características dessa corrente são deduzidas daqueles escritos do NT que a ela estão associados: o Quarto Evangelho, as três cartas de João e (menos explicitamente) Apocalipse.

Quando lemos as Cartas de João, fica claro que várias igrejas pouco relacionadas operavam em comunhão com o(s) autor(es) dessas cartas. A própria Primeira Carta de João parece uma carta circular (porque carece de destinatário específico ou saudações) enviada a várias igrejas com o objetivo de alertá-las do perigo representado pelos separatistas. A Segunda Carta de João é dirigida “à senhora escolhida por Deus e aos filhos dela”, que quase certamente é uma designação para uma igreja e seus membros, uma igreja diferente daquela da qual o presbítero que escreveu a carta era membro. A Terceira Carta de João é dirigida a Gaio, que é informado de que o presbítero escreveu à igreja (na cidade onde Gaio morava), mas que certo Diótrefes, uma figura importante daquela igreja, havia rejeitado os pedidos do presbítero. Dessa informação podemos deduzir que diversas igrejas estavam em comunicação umas com as outras. Podemos, então, falar justificadamente de uma comunidade joanina e, com isso, queremos dizer um grupo de igrejas em comunhão com o(s) autor(es) de 1, 2 e 3João. Nos últimos tempos, porém, a expressão “a comunidade joanina” passou a ter conotações muito mais claramente definidas e específicas.

Com base no conteúdo das três cartas, na forma pela qual os leitores são saudados, na linguagem empregada e nos conceitos envolvidos, muitos estudiosos concluem que essas igrejas compartilhavam uma adesão comum ao tipo de cristianismo que é refletido no Quarto Evangelho. Acredita-se que essas igrejas constituem o que é conhecido como comunidade joanina. Essa abordagem geral deu origem a algumas teorias altamente sofisticadas, incluindo a ideia de que o Quarto Evangelho reflete as experiências dessa comunidade, e a opinião amplamente difundida de que o Quarto Evangelho foi escrito especificamente para ela.

No entanto, recentemente os estudiosos questionaram os pressupostos em que se baseiam essas teorias, em particular a suposição de que os Evangelhos foram escritos para comunidades específicas. Argumenta-se que não foram escritos tendo em mente determinadas comunidades, especialmente a comunidade da qual seus autores eram membros, mas foram destinados a um público muito mais amplo.² Este

²Veja Richard Bauckham, org., *The Gospels for all Christians: rethinking the Gospel audiences* (Edinburgh: T&T Clark, 1998).

comentário não é o lugar para se desenvolver uma discussão detalhada desses assuntos. Basta dizer que o argumento apresentado contra a tese de que os Evangelhos foram escritos para comunidades específicas é bastante convincente. Resta saber se esse desafio ao consenso acadêmico vence o debate. Enquanto isso, não é sensato presumir simplesmente que o Quarto Evangelho foi escrito apenas para a comunidade joanina, ou que o grupo de igrejas para as quais 1, 2 e 3João foram escritas formava um grupo hermeticamente fechado, bastante distinto de outras comunidades cristãs primitivas. No comentário que se segue, quando é feita referência à comunidade joanina, à comunidade do autor ou a algo semelhante, o que se quer dizer é que se trata simplesmente daquele grupo de igrejas vagamente relacionadas que operam em comunhão umas com as outras e com o(s) autor(es) de 1, 2 e 3João.

É digno de nota que, em muitos aspectos, as exortações às igrejas da comunidade joanina ressoam as mensagens de Jesus às sete igrejas da Ásia, em Apocalipse 2—3. Elas alertam de diversas maneiras sobre os falsos ensinamentos e elogiam os leitores por rejeitarem os falsos mestres (1Jo 1.6,8,10; 2.4,9,11; 3.7; 4.1–3; 2Jo 7; cf. Ap 2.2,6,15,24); recomendam os leitores pelas suas boas obras (2Jo 5–8; cf. Ap 2.2,19; 3.8); alertam sobre a obra do Diabo, Satanás, o Anticristo (1Jo 3.8–10; 4.2–3; cf. Ap 2.13; 3.9); prometem a vida eterna (1Jo 2.25; 5.11; cf. Ap 2.10–11; 3.5); repreendem pela falta de amor e pobreza espiritual (1Jo 2.10–11; 3.10; cf. Ap 2.4; 3.16–17); alertam sobre a perseguição (1Jo 3.13; cf. Ap 2.10); exortam a guardar o mandamento do amor (1Jo 3.11,18,23; 4.7; cf. Ap 2.19); recomendam a sua lealdade (2Jo 4; 3Jo 3–4; cf. Ap 2.3; 3.8); e os lembram de que eles vivem na “última hora” e da segunda vinda de Cristo (1Jo 2.18; 3.2; cf. Ap 2.25; 3.3,11).³ Pode-se, então, defender alguma identificação das igrejas da comunidade joanina com as sete igrejas da Ásia. Yarbrough conclui sua análise desse assunto assim: “Em suma, pode ser necessário repensar o consenso de que não existe um cenário histórico para as Cartas de João, que tudo o que podemos fazer é inferir uma comunidade de conflitos internos com base nas palavras das próprias cartas”.⁴

C. 1, 2 e 3João e o Quarto Evangelho

Qualquer pessoa que leia o Evangelho de João e as Cartas de João dificilmente deixará de notar as semelhanças de linguagem e de conceitos entre eles. Quando se procuram paralelos no NT com palavras e ideias encontradas nas cartas,

³Cf. Yarbrough, p. 17–21; Eckhard J. Schnabel, *Early Christian mission: Jesus and the Twelve* (Downers Grove/Leicester: InterVarsity/Apollos, 2004), vol. 1, p. 819–20; Paul Trebilco, *The early Christians in Ephesus from Paul to Ignatius* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), p. 293–50.

⁴Yarbrough, p. 21.

quase sempre eles são encontrados no Evangelho. Há muitos exemplos disso,⁵ mas o mais impressionante de todos são as semelhanças entre o prólogo do Quarto Evangelho e a seção inicial de 1João. Além disso, o propósito de escrever tanto o Quarto Evangelho quanto 1João tem que ver com a fé em Cristo e com o recebimento da vida eterna (Jo 20.31; 1Jo 5.13). Essas muitas semelhanças levaram alguns estudiosos recentes a concluir que aquele que escreveu o Evangelho em sua forma original é também o responsável pela redação de 1João e, talvez, também de 2João e 3João.⁶ Alguns comentaristas negam isso,⁷ enquanto outros deixam a questão em aberto.⁸ Foi sugerido, no cenário citado antes, que a forma original do Evangelho de João teria sido escrita primeiro, e 1, 2 e 3João seguiram nessa ordem, embora nem todos os estudiosos concordem.⁹

Ainda que exista uma estreita relação entre o Evangelho e as cartas no que diz respeito à linguagem e às ideias, os antecedentes históricos deles diferem muito. Como mencionado acima, o pano de fundo do Evangelho é o conflito entre Jesus e alguns de seus contemporâneos judeus incrédulos (registrado, talvez, por causa de sua importância para os cristãos que, agora, encontravam-se, eles mesmos, em conflito com membros das sinagogas locais). Contudo, o pano de fundo das cartas é um conflito cristão, entre membros permanentes da comunidade do autor e os separatistas. Não é surpreendente, então, que quando a linguagem e os conceitos do Quarto Evangelho são retomados e usados nas cartas, eles recebam uma conotação diferente para servirem ao propósito delas. Um exemplo notável disso é a forma pela qual a palavra *paraklētōs* é empregada. No NT, ela é encontrada apenas no Evangelho e nas Cartas de João, mas é aplicada de forma diferente em cada caso. No Evangelho, *paraklētōs* se refere ao Espírito Santo, sobre quem Jesus dá ensinamentos para preparar os discípulos para o encontro com um mundo hostil depois de sua partida. Em um caso, o *paraklētōs* substitui Jesus e desempenha um papel em relação ao mundo (o qual ele convence do pecado, da justiça e do julgamento). No outro, seu papel é em

⁵Compare, e.g., o seguinte: a Palavra da vida desde o princípio (1Jo 1.1-2; Jo 1.1-4); a luz (1Jo 1.5-7; Jo 1.6-9); o Paráclito (1Jo 2.1; Jo 14.16,26; 15.26; 16.7); o novo mandamento (1Jo 2.7; Jo 13.34); o amor de irmãos na fé e o ódio do mundo (1Jo 3.13; Jo 15.9-25); a passagem da morte para a vida (1Jo 3.14; João 5.24); Jesus dá a sua vida por nós (1Jo 3.16; Jo 10.11,15,17-18; 15.12-14); o mandamento de Deus para acreditar em Jesus Cristo (1Jo 3.23; Jo 6.29); ninguém jamais viu a Deus (1Jo 4.12; Jo 1.18); o “salvador do mundo” (1Jo 4.14; Jo 4.42); nascer de Deus (1Jo 5.1; Jo 1.12-13); água e sangue (1Jo 5.6; Jo 19.34); a vida eterna (1Jo 5.13; Jo 3.16); o mandamento do amor (2Jo 5-6; Jo 13.34). Cf. Parnenios, p. 5-11.

⁶Assim, e.g., Westcott, p. xxx-xxxii, xliii-xlvi; Marshall, p. 42-8; Burge, p. 38-40.

⁷Assim, e.g., Brown, p. 30; Bultmann, p. 1; Schnackenburg, p. 40-1; Lieu, p. 17.

⁸Assim, e.g., Burge, p. 38-40; Thompson, p. 20-1; David Rensberger, “Conflict and community in the Johannine Letters”, *Int* 66 (2006): 279-82.

⁹Cf. Udo Schnell, “Die Reihenfolge der johanneischen Schriften”, *NTS* 57 (2010): 91-113.